

## A estratégia irônica do CQC

Felipe POLYDORO<sup>1</sup>

### Resumo

Para Jean Baudrillard, a ironia resta como a abordagem possível em um mundo tomado pela simulação e a hiper-realidade. Este artigo busca mostrar que o programa humorístico CQC, ao parodiar o jornalismo e os meios de comunicação em geral, dota-se de uma estratégia irônica tal qual descrita por Baudrillard. Um indicativo do êxito da estratégia está no fato de o programa ser confundido com o próprio jornalismo - atividade eminentemente moderna e, por isso, envolta na crise dos conceitos de verdade e realidade que é marca da época contemporânea. Visando à melhor compreensão dos conceitos baudrillardianos de simulação, hiper-realidade e ironia - e do contexto no qual surge um objeto midiático como o CQC - mostramos ainda o percurso que leva ao aparecimento e, posteriormente, derrocada do conceito moderno de realidade.

**Palavras-chave:** Hiper-realidade. Ironia. Comunicação.

### Abstract

According to Jean Baudrillard, irony is the only possible remaining alternative in a society dominated by simulation and hyper-reality. The objective of this article is to demonstrate that the comedy show CQC, while creating a parody of journalism and the media as whole, uses the ironic approach described by Baudrillard. The accomplishment of the use of such a strategy is unequivocal given that CQC is frequently mistaken for true journalism – an eminently modern activity and, therefore, embedded in the distinctive contemporary crisis concerning the concept of reality. Aiming to understand the Baudrillardian concepts of simulations, hyper-reality and irony – and the milieu which promotes the emergence of a media object such as CQC – we follow the path that guides the appearance and subsequent annihilation of the modern conception of reality.

**Keywords:** Hyper-reality. Irony. Communication.

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)  
E-mail: felipepolydoro@gmail.com



## Introdução

No programa do dia 22 de março de 2010, o CQC, da TV Bandeirantes, veiculou um quadro que já rendia polêmica antes de sua exibição. A equipe de produção do programa doou um aparelho de televisão *LCD* para a Secretaria de Educação do município de Barueri (SP). O *LCD* trazia, acoplado internamente, um *chip* com a tecnologia *GPS*, de maneira que pudesse ser rastreado no futuro. Destino da TV: a residência de uma funcionária da secretaria da Educação, conforme foi apurado graças ao *GPS*. Em meio a confusões, desmentidos, explicações estapafúrdias e entrevistas com o prefeito e o secretário de educação - irmãos entre si - o CQC desmascarou o fato. A prefeitura obteve uma liminar impedindo a veiculação do quadro (no processo, o termo que aparece é “reportagem”). O desembargador que caçou a liminar escreveu, no seu despacho - cujos trechos foram lidos no ar pelo apresentador do CQC, Marcelo Tas - que “a matéria” mostrou “no mínimo, a falta de observância dos princípios da moralidade e da legalidade” e é “flagrante a contradição dos depoimentos dos entrevistados”. O desembargador informou ter encaminhado o “conteúdo da matéria” para a Procuradoria Geral da Justiça que, agora nas palavras de Marcelo Tas, “vai atrás dos responsáveis por tudo o que você acabou de ver”.

Ora, basta uma rápida consulta a qualquer manual de redação para perceber que o CQC não faz jornalismo, o que torna problemática a adoção de expressões típicas da atividade, como “reportagem”, “repórter”, “matéria”, para descrever o programa. O CQC é um *show* humorístico que ironiza o jornalismo e os meios de comunicação de forma geral. Trata-se de uma imitação que atinge um nível vertiginoso, pois os integrantes do programa não se resumem a apenas mimetizar signos do jornalismo convencional, mas interpelam diretamente o mesmo objeto dos jornalistas (os políticos, os artistas, o povo na rua; em resumo: a “realidade”). Em outros tempos, ao parodiar a política, por exemplo, os programas humorísticos imitavam os políticos por meio de uma representação - imitação aqui numa acepção herdeira de Platão, de fingir ser aquilo que não é, pressupondo que há as coisas que são e as cópias dessas, visão que separa o real da aparência e da representação. No CQC, a atuação se dá, portanto, diretamente no objeto do jornalismo, indicando alterações no estatuto do real, do objeto e no sujeito.

Neste artigo, vamos argumentar a favor da ideia de que o CQC adota uma estratégia irônica, conceito desenvolvido por Jean Baudrillard e, para este autor, única abordagem



possível quando os meios de comunicação - e a própria realidade - tornam-se simulação. Tal estratégia pressupõe um elaborado jogo de signos apto a produzir um efeito de ambiguidade: É verdadeiro ou é falso? É realidade ou ficção? É jornalismo ou não é? Frise-se que a aplicação de um conceito baudrillardiano é tarefa um tanto penosa, dado o hermetismo do autor. Como coloca Hegarty<sup>2</sup> (2004, p. 02): “As visões de Baudrillard, independentemente de o leitor tê-las como verdadeiras ou falsas, são muito difíceis de serem colocadas em uso, ou aplicadas diretamente”. É justamente o que buscaremos aqui: a aplicação da teoria do autor diretamente na análise de um objeto midiático contemporâneo.

## Genealogia do real

O CQC é produto e índice de uma fase pós-espetacular, simulada e hiper-real, quando borram as divisões entre a verdade e a mentira, o real e a aparência, sujeito e objeto. Para Baudrillard (1991a), renovações artísticas como o advento do realismo e a obra de Marcel Duchamp e seus *ready mades*<sup>3</sup>, por exemplo, denotam sobretudo uma alteração no estatuto do próprio real. Lógica parecida pode ser estendida ao CQC e a inúmeros produtos midiáticos contemporâneos que indicam abalo no sentido da realidade e da verdade, conceitos-chave do período moderno. A onda dos *realities shows* e dos documentários, a crescente adoção de um realismo de traço documental na ficção, a imensa audiência de vídeos caseiros no *Youtube* e a explosão de transparência do *Wikileaks* são alguns exemplos.

A realidade nunca esteve em tanta demanda quanto agora na nossa cultura global mediada pelos meios de comunicação e pelo cinema [...] Na medida em que há uma crescente demanda pela realidade, ela também é crescentemente contestada (BLACK, citado por JAGUARIBE, 2007, p. 16).

Numa visão resumida e panorâmica, esses objetos valem-se de linguagens que, de um lado, propiciam a ilusão de um contato direto com o real cru, e, de outro lado, misturam realidade e ficção em um mesmo e único discurso - isto é: condensam em uma única e mesma obra discursos e técnicas convencionalmente voltados à representação e imitação do real

---

<sup>2</sup> Tradução do autor. “Baudrillard’s views, whether the reader believes them to be right or wrong, are very difficult to put to use, or to apply directly”.

<sup>3</sup> Conceito definidor de algumas obras do francês Marcel Duchamp (1887-1968), que transpunha objetos do cotidiano diretamente para os museus e ambientes artísticos, estilo que influenciou o movimento de arte conceitual dos anos 50 e 60.



(ficção) com discursos e técnicas convencionalmente voltados à revelação e à transparência do próprio real (jornalismo, documentário de ficção). Linguagem esta que coloca em questão os conceitos consagrados de realidade e verdade e reacende o questionamento sobre a natureza do real - o que existe, de que é feito o que existe e como conhecemos o que existe?

Os conceitos de verdade e realidade variam ao longo da história. E aquilo que atualmente se designa por real e verdadeiro condiz com a acepção moderna dos termos. A hiper-realidade impera em uma fase em que a realidade moderna entra em crise ou desaparece. Para Baudrillard (1991a), a cultura contemporânea sofre com essa crise e tenta restabelecer a ordem racional falida.

Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desapareceram (BAUDRILLARD, 1991a, p. 14).

O entendimento da crise do real exige o esclarecimento sobre o sentido do conceito, onipresente mas raramente definido. No longo percurso da antiguidade à modernidade, a noção de realidade migra da ideia da coisa em si mesma e já existente para o de realidade construída. No período antigo, o homem subordina-se ao mundo e o conhecimento resume-se à contemplação: o olhar voltado a revelar uma realidade já existente em si mesma. Em grego, verdade (*alétheia*) significa, literalmente, não-oculto. Heidegger (2008) define a verdade no sentido grego como um desencobrimento, um processo que revela algo anteriormente oculto/encoberto. Na filosofia de Platão, a figura do Sol, representação do Bem, origina as idéias e o conhecimento - sendo a ideia a verdadeira realidade na teoria platônica.

Conforme Ferry (2006), a visão antiga é fruto de uma cosmologia que enxerga uma natureza perfeita, harmônica e ordenada. Cabe ao homem, que está inserido e submetido à natureza, conhecer e imitar a ordem natural. A natureza ordenada - o equivalente ao divino - é o fundamento de todas as coisas, que possuem uma essência anterior. A modernidade inicia quando rui definitivamente a cosmologia antiga e, junto, a ideia do divino como equilíbrio e harmonia e como fundamento para todos os existentes.

Doravante, é este último (o espírito humano) que, por assim dizer, do exterior, deverá introduzir a ordem num mundo que quase já não a oferece à primeira vista. Eis a razão para a nova missão, na verdade inaudita, da ciência moderna, que já não reside na contemplação e sim num trabalho, na



elaboração ativa e até mesmo na construção de leis que permitem conferir sentido ao universo desencantado (FERRY, 2010, p. 12).

O filósofo que marca tal virada conceitual é Kant. Descartes já havia decretado a impossibilidade de se conhecer diretamente a *res extensa*, da qual obtemos apenas representações; e promulgado os parâmetros iniciais do método racional-matemático que propicia, a partir do cálculo e diante da representação sensível do objeto, o conhecimento deste mesmo objeto. Já se trata de um contexto de separação entre sujeito e objeto e de prevalência do matemático. Kant sacramenta a reviravolta ao observar que até mesmo o tempo e o espaço são formas *a priori* do conhecimento. Da realidade externa à consciência, temos acesso aos fenômenos, que são os objetos tais quais aparecem na experiência. Todo o conhecimento - inclusive as leis científicas - são da ordem do fenômeno. A ciência moderna, portanto, não serve ao conhecimento das coisas em si mesmas, daquilo que é no sentido mais essencial, que foi o projeto da dialética socrático-platônica. Através de seus cálculos e esquemas que partem de conhecimentos anteriores, a ciência ordena a realidade fenomênica em pesquisas cujo resultado deverá ser certo e cujo objetivo velado é sempre o de dispor do mundo. Neste sentido, não se trata de um procedimento desinteressado. E o conhecimento é um reconhecimento.

Para Heidegger (2002), o acontecimento-chave para a emergência da filosofia e da ciência modernas está na alteração do sentido da verdade para certeza e exatidão. Bastante diferente da contemplação do cosmos harmônico grego, o conhecimento objetivo-racional-matemático visa a uma resposta precisa. Dessa forma, interpela o objeto de maneira a que este responda precisamente, interpelação inevitavelmente enviesada e regional, calcada em hipóteses pré-estabelecidas. Atividade eminentemente moderna e uma espécie derivada da ciência, o jornalismo contém o mesmo tipo de vício essencial, fato explorado ironicamente pelo CQC, como veremos a seguir.

Neste período, a noção de realidade se aproxima da de fato e de certeza. Real é aquilo que existe efetiva, concreta e objetivamente. Mas este real que existe concretamente só é considerado real se puder ser observado e comprovado racionalmente, isto é, um objeto passível de cálculo e medição pelo sujeito-homem. O real racional moderno também se isola e se contrapõe a tudo o que é da dimensão da fantasia: a imaginação, a ficção, a imagem, o mito. Para Heidegger (2008, p. 44), “no sentido de fato e fatural, o ‘real’ se opõe ao que não consegue consolidar-se numa posição de certeza e não passa de mera aparência ou se reduz a



algo apenas mental”. A noção moderna de real alinha-se à origem etimológica do termo: o latim *res*, coisa material, concreta. Neste sentido, talvez o termo devesse ser usado apenas para designar a perspectiva deste período - embora os tradutores e comentadores valham-se reiteradamente da palavra “realidade” em textos sobre a filosofia grega. O grego não possuía termo correlato. Conforme Freire (1967), o termo em grego comumente traduzido para “realidade” significa ser: a coisa em si mesma, essencial. Na concepção platônica, que arquiteta uma gradação do ser até a cópia, dizer que algo é mais real significa mais essencial, mais verdadeiro. O conceito moderno não admite a gradação, pois é estanque na sua divisão: ou é ou não é real.

## **A crise do real**

Em Nietzsche, a perspectiva moderna recebe o maior golpe - embora Kant e sua virada já prenunciem o sumiço do fundamento ou a morte de Deus. A racionalidade, a consciência, o conhecimento são ilusão. A verdade é uma questão de valor e a definição do que é verdadeiro e falso obedece a uma valoração anterior. Não existe o mundo real, tal qual entendido pelo pensamento moderno: há só as aparências, que receberão tais ou quais significados. A realidade é a aparência significada como realidade. Por baixo de toda aparência, há outra aparência e assim sucessivamente. O motor do conjunto de aparências a que se resume o mundo é uma força vital, criadora, não-racional e não-consciente que Nietzsche chamou de “vontade de potência”. Portanto, o que se entende por conhecimento e o que consensualmente se chama de realidade, de fato, não passa de uma perspectiva situada em um espaço e em uma época.

Tanto quanto a palavra “conhecimento” tem sentido, o mundo é conhecível: mas ele é interpretável de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. “Perspectivismo”. Nossas necessidades são quem interpreta o mundo; nossas pulsões e seus prós e contras. Cada pulsão é uma espécie de pulsão despótica, cada uma tem a sua perspectiva, perspectiva que a pulsão gostaria de impor como norma para todas as pulsões (NIETZSCHE, 2008, p. 260).

Em sua teoria da simulação, altamente influenciada por Nietzsche, Baudrillard diagnostica tanto a falência do conceito moderno de realidade quanto o desaparecimento dessa vontade, ilusão vital que é a potência do social. Com o conceito de “troca simbólica”, o autor define um tipo de relação que a modernidade elimina. Conforme Merrin (2005), a



origem da noção baudrillardiana de simbólico está no conceito de sagrado que Durkheim aplica na análise de sociedades primitivas. A ideia é de que a comunhão desses grupos sociais se dá graças a uma energia que brota de rituais e festas, uma força não-racional que se alastra entre os indivíduos e os une. Nas relações de uma sociedade midiática, onde impera o espetáculo, o signo substitui o que era antes da dimensão do simbólico e, automaticamente, faz esta força sumir. Este é o projeto da modernidade, da ciência e do capitalismo: a racionalização do real como representação passível de cálculo e controle e a espetacularização das relações sociais, agora mediadas por signos. A sanha racionalista moderna faz sumir a autenticidade e a singularidade da troca simbólica. E a hiper-realidade marca a eliminação do simbólico e também do real - e do signo, da representação e do sentido, oriundo da separação entre signo e referente. Aquilo que a modernidade separou - sujeito e objeto, razão e mito, verdade (no sentido de certeza) e mentira - retorna ao estado de junção anterior. Neste retorno, agora no contexto de domínio absoluto dos meios de comunicação e do virtual, desaparece também tudo o que é autêntico, da ordem do simbólico. Tudo está dominado pelo simulacro puro e pela hiper-realidade, estado paradoxal da realidade em que tudo se torna falso, exagerado e parecido.

Ainda assim, Baudrillard admite a possibilidade de reverter esse processo de hiper-realização e de dominação do simulacro, de semelhança generalizada na falsidade, por meio de pensamentos e abordagens irônicas e radicais. Nietzscheano, Baudrillard compactua de uma ontologia que nega o ser e admite somente as aparências. A verdade e a realidade são efeitos de superfície que fornecem a ilusão de profundidade, de distância entre o que aparece e um referente ou essência. Na fase da simulação, este efeito semiótico de real está prejudicado, o que resulta em uma estratégia de real que busca reeditar a realidade perdida. O jornalismo, por exemplo, vale-se de artifícios tecnológicos avançados em um projeto que busca transparecer todos os segredos. Para Baudrillard, esta vontade de verdade já não revela mais nada, porque já não há mais nada de novo ou original a revelar. A ironia, no entanto, é um movimento que desvia da transparência e, por isso, alcança um efeito de autenticidade ao restituir, no nível dos signos, o espaço da ilusão. Fazendo referência à obra de Kierkegaard, assim o autor define a estratégia irônica do sedutor:

Trata-se não de um ataque frontal, mas de uma sedução diagonal que passa como um traço (que pode ser mais sedutor que uma tirada espirituosa?), que dela extrai sua vivacidade e economia, inclusive utilizando o mesmo material reduplicado, segundo a fórmula de Freud: as armas do sedutor são

as mesmas da jovem, que ele volta contra ela, e essa reversibilidade da estratégia faz seu encanto espiritual (BAUDRILLARD, 1991b, p. 116).

Vejamos como esta teoria torna-se menos hermética quando aplicada ao CQC.

### **O jogo de signos do CQC**

No paradigma racional, pode-se dizer que o CQC faz conviverem, em uma mesma cena, a representação e o próprio real. Um humorista que imita um repórter de telejornal contracenando diretamente com a realidade que, supõe-se, sempre foi objeto do jornalismo. Em vários quadros, por exemplo, os integrantes do programa vão ao Congresso Nacional e “entrevistam” deputados e senadores - geralmente, sobre questões que já vêm pautando o noticiário. Também é comum os integrantes do programa andarem nas ruas e conversarem com “pessoas comuns” sobre temas atuais, geralmente políticos. Há ainda quadros de cunho investigativo, em que a equipe, supostamente, revela fatos ao público. Se o CQC é um programa humorístico e seus integrantes são atores que desempenham papéis, então se trata tudo de representação e os quadros investigativos não passam de uma imitação de reportagens e não de jornalismo de fato. No entanto, se não se trata de jornalismo e de revelação de fatos ditos verdadeiros, então como é possível que um desses quadros tenha gerado um processo judicial, como comentado no início deste artigo? E que, neste processo, o desembargador tenha chamado o quadro do CQC de “matéria” e tratado todas as revelações do programa como fatos a serem averiguados? E mais: o quadro mencionado gerou pelo menos uma consequência real, o afastamento da funcionária que desviou o televisor *LCD* doado pela equipe do programa. Fica evidente que o CQC é, por vezes, tomado como jornalismo.

Conforme Cornu (1994), entre os códigos deontológicos da atividade jornalística estão a verdade como dever fundamental e o respeito da pessoa humana como limite. Verdade aqui tem o sentido de uma informação exata. Também faz parte da deontologia jornalística a recusa a métodos desleais, o que pressupõe a transparência com as fontes envolvidas em uma matéria - isto é, a rejeição a práticas como fingimento e dissimulação. Este trecho da Declaração da UNESCO sobre os meios de comunicação deixa patente a falta de compromisso do CQC com a atividade jornalística:

A tarefa primordial do jornalista é servir o direito do povo a uma informação verídica e autêntica através de um apego honesto à realidade objetiva,



colocando conscientemente os fatos no seu contexto adequado, revelando seus elos essenciais, sem provocar distorções, desenvolvendo toda a capacidade criativa do jornalista, para que o público receba um material apropriado que lhe permita formar uma imagem precisa e coerente do mundo, em que a origem, a natureza e a essência dos acontecimentos, processos e situações sejam compreendidas de uma forma tão objetiva quanto possível (CORNU, 1994, p. 76).

Ora, o CQC ignora praticamente todas as determinações dessa declaração. Os quadros do programa interferem excessivamente na realidade que retratam. No agora extinto quadro “Em Foco”, um membro do programa fazia-se passar por um consultor de imagem que entrevistava pessoas famosas. Em imagens captadas por uma câmera escondida, o CQC mostrava os momentos em que o falso marqueteiro sugeria falas e ações aos entrevistados, que depois repetia as orientações. Neste caso, as fontes criam participar de um programa chamado “Em Foco” e ignoravam estar no CQC. As “reportagens” do CQC também costumam deixar de fora informações básicas e fundamentais para o entendimento dos fatos retratados. Em um quadro de mais de cinco minutos sobre problemas na construção do metrô de Salvador, onde aparecem duras críticas à prefeitura da cidade, em nenhum momento é mencionado o nome do prefeito.

No nosso entendimento, o CQC não pretende fazer jornalismo e sim ironizá-lo. Não se trata de revelar fatos e verdades, de trazer à tona informações do interesse público - até porque as informações divulgadas pelo programa jamais são novidades, apenas confirmam e reafirmam lugares-comuns, como as ideias de que os políticos são corruptos, os brasileiros, desonestos, as celebridades, fúteis e ignorantes. O objeto do CQC é o próprio jornalismo e os meios de comunicação. Embora interaja diretamente com os políticos, a questão para o programa não é a política real, mas a cobertura da política realizada pelos meios de comunicação. E isso vale para todos os objetos e “realidades” abordados no programa - em muitos casos, os objetos são celebridades e figuras midiáticas.

Na sua imitação do jornalismo, o CQC satura exatamente os signos do que revelam aquilo que aquele tem de encenado e de falseador. Acentuam o paradoxo do projeto jornalístico e da vontade de verdade contida neste. E denunciam o caráter simulado de um jornalismo em uma fase hiper-real. Como vimos, no seu conceito moderno, a realidade não é fruto de uma observação desinteressada, mas de uma perspectiva que visa a enxergar verdades concretas e precisas. Neste contexto, nos dizeres de Heidegger (2002, p. 48), “a ciência é uma elaboração do real terrivelmente intervencionista”. Pode-se dizer algo parecido do jornalismo,



uma atividade que também busca desvelar verdades no sentido moderno do termo. Cornu, referindo-se às ideias de Walter Lippmann, coloca:

A notícia, logo a informação, não reflete mais do que um aspecto, um fragmento do conhecimento de um objeto. (...) A verdade supõe uma procura, uma revelação de fatos ocultos, uma relação entre esses fatos que permitem destacar uma imagem (porque se tratará sempre de uma imagem) da realidade (CORNU, 1994, p. 75).

No entanto, a declaração da UNESCO citada acima fala de apego à realidade objetiva. Surgido na modernidade, o jornalismo está essencialmente vinculado à perspectiva dessa época. E, se conceitos como verdade, razão e objetividade estão abalados - visão central do que se costuma chamar de pensamento pós-moderno - então a atividade jornalística encontra-se abalada nesta fase hiper-real.

## **Conclusão**

Como vimos, o CQC, intencionalmente ou não, acaba por desconstruir o projeto jornalístico moderno ao explicitar o que este tem de falso. Em vez de criticar de forma racional, apontar os defeitos - isto é, de revelar verdades - o programa humorístico produz uma imitação saturada, que exagera exatamente as falsidades. No procedimento irônico preconizado por Baudrillard (1991b), diante da falsidade do jornalismo, o caminho é tornar o falso ainda mais falso. Uma referência fornecida pelo autor é o travesti, protagonista de um apurado jogo de signos. “Paródia do sexo na supersignificação do sexo” (BAUDRILLARD, 1991b, p. 19). Já o CQC realiza a paródia do jornalismo na supersignificação do jornalismo.

O jornalismo intervém ativamente e, desta forma, modifica aquele real que, em tese, resume-se a revelar objetivamente: na elaboração da pauta, nas perguntas que submete aos entrevistados, na escolha desses entrevistados, nos processos de edição. Pois o CQC, na sua paródia elevada à segunda potência, cria o escândalo do zero ao doar um aparelho televisor - o destino já estava inscrito desde o início, pois o quadro só iria ao ar se houvesse o escândalo e nunca saberemos se há tentativas frustradas de produzir escândalos que jamais são veiculadas. No telejornalismo, a atuação do repórter (o figurino, a maquiagem, a imitação da voz) são encenados. Os quadros do CQC realçam esses vícios, exageram a representação, exibem “reportagens” com efeitos sonoros e ilustrações.



O curioso é que essa sobreposição de signos e de discursos, a inserção do explicitamente ficcional no excessivamente transparente (situação que pode ser vista do inverso: a inclusão do real transparecido no ficcional) estabelece uma ambiguidade e gera dúvida. É jornalismo? É ficção? É verdadeiro? É encenado? Está na brecha que esta pergunta abre, na inexatidão da resposta, no efeito de confusão e de *trompe l'oeil*<sup>4</sup>, de ilusão de profundidade, a faceta irônica que dá autenticidade e transforma o CQC em um acontecimento na televisão contemporânea.

## Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991a.
- \_\_\_\_\_. **Da sedução**. Campinas: Papyrus, 1991b.
- \_\_\_\_\_. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Piaget, 1994.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERRY, Luc. **Aprender a viver**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Kant: uma leitura das três críticas**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- FREIRE, Antonio S.J. **O pensamento de Platão**. Braga: Livraria Cruz, 1967.
- HEGARTY, Paul. **Jean Baudrillard: live theory**. London: Continuum, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. O tempo da imagem de mundo. In: **Caminhos de floresta**. Lisboa: FCG, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

---

<sup>4</sup> Técnica de pintura que cria uma ilusão de ótica com o uso da perspectiva, dando a impressão de que o observador está diante de um objeto com três dimensões. Em tradução literal, significa algo como “engana o olho”.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MERRIN, William. **Baudrillard and the media**. Cambridge: Polity, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.